

## O imperfeito e o *imparfait* numa perspectiva contrastiva

Maria Elisete Almeida  
Universidade da Madeira

Um enunciado é dificilmente interpretável fora do contexto da enunciação. A *temporalidade*, a *aspectualidade* e a *modalidade* estão ligadas à enunciação. Razão pela qual estas três categorias só podem ser abordadas do ponto de vista global, contrariamente à *démarche* da gramática tradicional ou da linguística estrutural.

É esta pragmática, subjacente à análise das formas verbais do nosso *corpus*, que vamos tentar demonstrar. Para isso, adoptaremos a abordagem contrastiva entre o português e o francês, numa óptica ampla de gramática textual, uma vez que é nossa convicção só podermos aceder às leis gerais da linguagem através da diversidade das línguas. E isto, porque as estruturas profundas são, fundamentalmente, as mesmas numa língua para outra, apesar da sua aparente diversidade.

As formas que os gramáticos catalogam, tradicionalmente, como «tempos do passado» podem, perfeitamente, fazer referência ao momento presente ou ao futuro. É, nomeadamente, o caso do imperfeito.

Quer ele apareça numa independente ou numa principal ou, pelo contrário, numa subordinada, o imperfeito apresenta valores temporais e modais muito diversos. Apesar das diferenças superficiais, o seu funcionamento é, sensivelmente, o mesmo nas duas línguas.

Se fizermos um balanço dos valores temporais do imperfeito, constatamos que ele pode aplicar-se, ao passado, ao presente, ao futuro e até mesmo à eternidade. Os seus valores modais são também muito diferentes, dado que ele tanto exprime uma realidade passada como um acontecimento realizável ou irrealizável no futuro. Todavia, o que permanece *invariante* é o seu constante valor aspectual de *inacabado*, que nos dá uma *visão secante e parcial* dos factos.

É, pois, falso fazer do imperfeito um *inactual*, ao nível do sistema da língua, uma vez que, em certos contextos, ele pode, perfeitamente, descrever a situação actual.

Na verdade, *os tempos verbais não podem, por si próprios, situar um acontecimento, com absoluta certeza, no eixo cronológico*. Podemos utilizar um «tempo passado» para designar um acontecimento futuro e, inversamente, um «tempo futuro» para designar um acontecimento passado. Os únicos indicadores temporais, completamente, fiáveis não são nem os tempos dos verbos, nem os advérbios de tempo, do tipo de *agora* ou *hoje*, sujeitos, como sabemos, a uma grande mobilidade tempo-

ral. São as expressões nominais afectas à datação e à indicação da hora e que assentam, essencialmente, sobre os nomes de números.

Ainda que os complementos circunstanciais sejam, sintacticamente, complementos secundários, desempenham um papel fundamental na situação cronológica dos acontecimentos. Ora, os circunstantes são, essencialmente, de natureza nominal.

Atrever-nos-íamos a dizer que, pelo menos em francês, cada tempo verbal é capaz de se aplicar a qualquer momento do tempo, incluindo o *passé simple* que é, sem dúvida, na maioria das vezes, destinado ao passado, mas que pode, muito bem, antecipar acontecimentos passados no ano 2020 e para além dele, como acontece nos romances de ficção científica.

Consoante figure no discurso directo ou no indirecto, o *imparfait* pode ter, tanto em português como em francês, valores temporais e modais muito diferentes. Parece, pois, legítimo constituirmos o nosso corpus de imperfeitos em dois subconjuntos:

- o imperfeito no discurso directo;
- o imperfeito no discurso indirecto.

## 1. O imperfeito no discurso directo

### 1.1. O imperfeito na frase simples

#### 1.1.1 O imperfeito na frase simples como inacabado do passado exprimindo uma duração não mensurável

Nas gramáticas, o *imparfait* é geralmente apresentado como um «tempo do passado», exprimindo o segundo plano das acções narradas no *passé simple* e no *passé composé*, que vamos passar a designar, respectivamente, pelas siglas PS e PC. Diz-se, habitualmente, que o *imparfait* exprime a duração, mas seria mais correcto dizer-se que ele é impróprio para medir a duração.

Assim, não se pode dizer em português, em enunciado mínimo, *\*Hoje chovia das 7h às 9h*, da mesma maneira que não se pode dizer em francês *\*Aujourd'hui, il pleuvait de 7h à 9h*. Neste caso, o português vai utilizar – o pretérito perfeito simples – oriundo, como o PS, do *perfectum* latino, mas muito mais vivo do que ele, uma vez que ele se presta a todos os momentos do passado, incluindo os mais próximos do momento zero: *Hoje choveu das 7h às 9h*. (À letra: *\*Aujourd'hui, il plut de 7h à 9h*). Aqui, o francês terá que recorrer ao PC: *Aujourd'hui, il a plu de 7h à 9h* que, como sabemos, substituiu o PS na conversação podendo, assim, exprimir a dupla demarcação dos acontecimentos. Isto, nem o imperfeito nem o *imparfait* conseguem fazer, já que, compatíveis com um *terminus a quo*, o *terminus ad quem* permanece, forçosamente, indefinido, como acontece com qualquer inacabado.

### 1.1.1.1. O imperfeito narrativo como passado histórico, separado do momento da enunciação

Esta incompatibilidade do imperfeito em medir a duração verifica-se também no quadro do passado histórico, ainda que se trate duma duração longa. Assim, não se pode dizer \**Salazar governava de 1932 a 1970 / durante 48 anos*. Utilizar-se-á, neste caso, o pretérito perfeito simples, que passaremos a designar por PPS: *Salazar governou de 1932 a 1970 / durante 48 anos*. Num contexto histórico como este, o francês também pode empregar o PS: *Salazar gouverna de 1932 à 1970 / pendant 48 ans*. Em contrapartida, o *imparfait* é impossível: \**Salazar gouvernait de 1932 à 1970 / pendant 48 ans*.

Tanto o imperfeito como o *imparfait*, só são compatíveis com a dupla demarcação nas sequências iterativas: *Naquela época ele estudava das 18h às 22h*. → *A cette époque-là, il étudiait de 18 h à 22h*. Acrescente-se, todavia, que a própria sequência iterativa permanece indeterminada quanto à duração. Assim, não se pode dizer, em português, \**Durante seis meses, ele estudava das 18h às 22h*. Da mesma forma que, em francês, é inaceitável o enunciado: \**Pendant six mois, il étudiait de 18h à 22h*. As microsequências, duplamente demarcadas, estão incluídas numa macrosequência que recusa a dupla demarcação.

Quando se diz que o PS possui um *aspecto pontual* e o imperfeito um *aspecto durativo*, estamos perante expressões infelizes que se prestam a graves equívocos. E isto tanto é verdade no português como no francês. Com efeito, isso poderia levar os alunos a imaginar que quer o PS quer o PPS estariam reservados a acontecimentos rápidos e de curta duração, o que não acontece nos exemplos acabados de analisar. São ambos de aspecto global ou sinóptico e sempre compatíveis com uma dupla demarcação, qualquer que seja a duração do processo considerado.

Quanto ao carácter dito durativo do imperfeito ou do *imparfait*, pode, também, prestar-se a graves confusões, uma vez que o aluno será levado a pensar que é a duração objectiva do acontecimento que determina o aparecimento dos imperfeitos. Ora – a experiência demonstra – que é possível, em alguns contextos, a utilização de imperfeitos com acontecimentos instantâneos (C. Touratier intitula-os de *imparfaits d'événement*, cf. 1996: 117): *Um segundo depois uma bala perfurava-lhe o peito*. → *Une seconde après une balle lui perforait la poitrine*. O verbo *perforar* → *perforer* é perfectivo ou, se preferirem, conclusivo ou télico. Exprime a passagem rápida dum estado a outro. A duração objectiva dos factos nada tem a ver com a escolha do imperfeito, como se pode provar através do seguinte exemplo: *Em 1932, Salazar começava a governar Portugal e permaneceu no poder 48 anos*. → *En 1932, Salazar commençait à gouverner le Portugal et il resta 48 ans au pouvoir*. 48 anos é muito tempo. Ora esta duração, perfeitamente mensurável e duplamente marcada num tempo que é hoje remoto, só pode ser expressa por um *aoristo* que nos dá dessa duração uma visão sinóptica. Aqui é o PS que nos parece mais indicado, já que se trata duma narrativa histórica.

Se, neste enunciado, procurarmos comutar o PS com outra forma verbal susceptível de ocupar a mesma posição, constatamos que o PC pode ser utilizado, se bem que menos específico e menos adequado ao contexto. Será de admitir, aqui, outra forma que também pode assumir um valor de *aoristo*, o futuro simples do indicativo<sup>1</sup> («futur simple») – *Em 1932, Salazar começava a governar Portugal e permanecerá no poder 48 anos.* → *En 1932, Salazar commençait à gouverner le Portugal et il restera 48 ans au pouvoir.* Mas se há uma forma que se exclui, radicalmente, neste caso, apesar da duração expressa, essa forma é o imperfeito.

Em contrapartida, o imperfeito está, perfeitamente, no seu lugar na primeira proposição, que implica um lapso de tempo muito curto. É também comutável com um PPS, em português, ou um PS, em francês: *Em 1932, Salazar começava / começou...* → *En 1932, Salazar commençait / commençava...* A diferença entre ambas as formas nada tem a ver com a duração do acontecimento – que é o que é – mas com a visão que o enunciador nos dá do acontecimento. O PPS e o PS apresentam este como um episódio isolado, fechado sobre si próprio, ao passo que o imperfeito deixa antever uma continuação e apresenta o acontecimento como um preâmbulo. A forma verbal *subia* → *montait* é o que podemos chamar de *imperfeito de abertura* que realiza um grande-plano e um «ralenti» sobre um acontecimento que é pouca coisa em si mesmo, mas que retira toda a importância das consequências que dele decorrem. É o aspecto *inacabado* do imperfeito que o torna apto a assumir tais valores, dos quais o grande-plano e o «ralenti» no cinema dão uma ideia bastante justa. Como em qualquer grande-plano, temos apenas uma **visão parcial do acontecimento**. E é o carácter parcial desta visão, que nós temos quando um acontecimento se está a desenrolar, que nos faz desejar saber mais, como acontece com os acontecimentos que nós vivemos no presente.

Isto não significa que o imperfeito esteja sempre associado à narrativa, como acreditava, erroneamente, Weinrich, uma vez que ele pode funcionar, perfeitamente, no discurso ou comentário para assinalar acontecimentos próximos do momento da enunciação.

### 1.1.1.2. O imperfeito comentativo como inacabado dum passado recente não realizado

É assim que um casal, que acaba de entrar num Airbus pode declarar, ainda esbaforido: *Cinco minutos mais e perdíamos o avião.* → *Cinq minutes de plus et*

<sup>1</sup> O futuro simples é, com efeito, compatível com uma dupla demarcação (*Amanhã, trabalharei das 10h ao meio-dia.* → *Demain, je travaillerai de 10h à midi.*). Todavia, exclui-se, por vezes, esta dupla demarcação por razões pragmáticas. É difícil dizer, por exemplo – excepto numa narrativa histórica ou de ficção – *Ele habitará na Madeira de 2002 a 2020.* → *Il habitera à Madère de 2002 à 2020.* Para além disso, à semelhança do imperfeito, o futuro simples é compatível, em francês, com um subordinante como *pendant que*: *Pendant qu'il regardera la télévision, tu pourras préparer le repas.* Em português, o subordinante *enquanto* obriga ao emprego do futuro do conjuntivo: *Enquanto ele vir televisão, poderás preparar a refeição.*

*nous manquions l'avion*. Eles não o perderam, iam-no perdendo. O imperfeito ou *l'imparfait* marca, aqui, um irreal do passado, trata-se, porém, dum passado recente, englobado, de alguma maneira, na actualidade, constituindo um comentário, no sentido de Weinrich.

Em francês, seria possível comutar este imperfeito com um condicional composto: *Cinq minutes de plus et nous aurions manqué l'avion*. Em português, também não será impossível termos o condicional composto: *Cinco minutos mais e teríamos perdido o avião*, no entanto, esta sequência não é muito frequente. Os utentes preferem o *mais-que-perfeito composto*: *Cinco minutos mais e tínhamos perdido o avião*, que assume, neste contexto, o mesmo valor de irreal do passado.

Em geral, o português tem tendência a preferir o par oposicional *imperfeito / mais-que-perfeito* ao par concorrente *condicional simples / condicional composto*, cuja morfologia é mais pesada. Assim é que, por exemplo, *il aurait voulu*, num contexto passado, será traduzido, sobretudo, por *queria* em vez de *quereria*, difícil de pronunciar. O imperfeito realiza uma economia ainda mais sensível, até porque a forma é de extrema frequência, tanto num contexto passado como num contexto actual, como iremos ver.

É, todavia, com os modais que se manifesta, sobretudo, o contraste entre o tratamento modal do português e o do francês. Acontece, assim, não apenas com *querer* → *vouloir*, mas também com *dever* → *devoir* e *poder* → *pouvoir*. Um lusófono diz correntemente, *Ele podia / devia*, com um valor de irreal do passado, aonde o francês moderno utiliza, impreterivelmente, o condicional composto: *Il aurait pu / aurait dû*. O facto é tanto mais evidente que estes dois modais são, muitas vezes, postos em paralelo e em contraste. Se alguém disser, em francês, com uma lítote, *Il aurait pu venir plus tôt*, há sempre alguém por perto que coloca os pontos nos *i* e dirá: *Il aurait dû!*. Em português, teríamos como equivalente: *Ele podia vir mais cedo*, com a réplica: *Podia... não, devia!*. O português subentende que ele não só podia, mas devia fazer qualquer coisa, mas que não nada fez. **A não-realização do acto não está inscrita nos modais, em si mesmos, mas compreende-se, intuitivamente, pelo uso.** É como se tivéssemos, em suma, uma abreviação da expressão: *Podia e devia fazer, mas não fez*. Este é um dos pontos mais delicados da aprendizagem do francês por um lusófono, que irá utilizar, sistematicamente, um imperfeito quando um francófono estará à espera dum condicional composto.

A explicação do sucesso do imperfeito modal, em português, decorre da dificuldade na colocação dos clíticos, tanto no condicional como no futuro. Assim, a tradução à letra do francês *Il aurait dû le faire* dá uma sequência impossível em português: *\*Ele teria devido o fazer*. O problema é quase tão delicado com o condicional simples: *Ele devê-lo-ia fazer*, que vai dar lugar, igualmente, a interferências, uma vez que o lusófono diz: *Il devrait le faire*, enquanto o francófono dirá *Il aurait dû le faire*. Perante isto, o francófono será tentado a compreender que a coisa ainda está por fazer, ao passo que para o lusófono já não é questão disso, dado que, o que ele tem em mente, é um irreal do passado.

Tudo isto explica o sucesso do imperfeito para exprimir o irreal do passado, uma vez que o problema dos clíticos é mais simples de resolver, pelo facto de já não haver lugar para a utilização dos mesoclíticos (cf. M. E. Almeida, 2000: 31-32): *Ele devia fazê-lo*. Emprega-se um enclítico como com o futuro perifrástico, que substituiu o futuro simples, pelas mesmas razões: *Ele vai fazê-lo* → *Il va le faire*.

Esta dupla substituição do futuro simples pelo futuro perifrástico e do condicional pelo imperfeito conduz a uma substituição morfossintáctica mais simples do que a do francês, já que o enclítico se apresenta, sensivelmente, na mesma posição do nominal objecto, na estrutura profunda:

*Ele podia / devia / queria fazer as compras.*  
*Ele podia / devia / queria fazê-las.*

### 1.1.1.3 O imperfeito comentativo, como inacabado dum passado imediato justapondo-se ao momento da enunciação

O processo descrito pelo imperfeito pode, aliás, ser muito mais próximo do momento da enunciação e como que surpreendido no decurso do seu desenvolvimento: *Estavas a dizer?* → *Tu disais?* Trata-se, aqui, dum *flash-back* sobre processos situados num passado muito recente e apreendidos a meio do seu desenrolar.

De igual modo, quando alguém bate à porta e que não adivinhámos quem é, podemos muito bem dizer-lhe ao abrir: *Ah, eras tu?!* → *Ah, c'était toi?!* (subentendido, *Ah, eras tu que batias à porta?! → Ah, c'était toi qui frappais à la porte?*).

### 1.1.2. O imperfeito da frase simples como inacabado do presente de valor modal

O imperfeito do indicativo funciona, intensamente, na expressão cortês do desejo que representam as formas *Queria vê-lo amanhã*. (À letra: *\*Je voulais vous voir demain*). A forma mais cortês seria: *J'aurais voulu vous voir demain*. Em português, embora teoricamente possíveis, nenhum dos dois condicionais é verdadeiramente usual nesta posição e com este valor: *¿teria querido* e *¿quereria* são, morfologicamente, muito pesados (cf. M. E. Almeida, 2000: 250 e 262). Daí que tivessem sido substituídos pelo *imperfeito queria*, que funciona, aqui, como um inacabado do presente. É de precisar que o processo que constitui o objecto dum desejo (*vê-lo amanhã* → *vous voir demain*) está situado no futuro, um futuro eventual, mas o sentimento expresso pelo verbo principal *queria* → *je voulais* é um sentimento bem presente, bem actual, no momento da enunciação.

Um outro *imperfeito de cortesia* que também se utiliza frequentemente, sobretudo, para solicitar um favor, é a forma *gostava*: Por exemplo: *Gostava de vê-lo amanhã*. A forma *gostaria* também se ouve bastante, mas representa um maior

grau de cortesia, como no exemplo: *Gostaria de interrogá-lo sobre o seu programa político.* → *J'aimerais vous interroger sur votre programme politique.* Quer ele utilize o *imperfeito do indicativo* quer o *condicional simples*, em ambos os casos, o locutor **inactualiza** a expressão do seu desejo, para aliviar a pressão elocutória sobre o seu alocutário.

Em francês, o uso do imperfeito, nestas condições, é muito mais raro. Ouve-se, em especial, na expressão: *Je voulais vous demander un petit service* (subentendido, *mais je n'ose pas vous le dire*). O que é **modalizado**, não é a vontade em si própria, mas sim a expressão dessa vontade que já não ousa manifestar-se directamente.

Como acabamos de ver, apesar das diferenças superficiais, que têm a ver com empregos dissemelhantes, o funcionamento é, sensivelmente, o mesmo em ambas as línguas.

### 1.1.3. O imperfeito da frase simples como inacabado do futuro

O que é ainda mais paradoxal, é que, num certo número de casos, tanto o imperfeito como o *imparfait* possam evocar um acontecimento **futuro** realizável, concreta ou simbolicamente, e até mesmo irrealizável.

#### 1.1.3.1. O realizável imediato

À pergunta feita por um comerciante: *E o senhor (que deseja)?*, não é raro responder: *Era uma pilha*, (subentendido, *que eu queria*, por ex.). Em francês, à letra: *Et ce monsieur (désire)?* – *C'était une pile* (subentendido, *que je voulais*). Estes imperfeitos aparecem, aqui, em frase simples, mas derivam duma subordinada do discurso indirecto e estão, originariamente, no imperfeito devido à concordância dos tempos.

É evidente que estes imperfeitos valem como **futuros**. Aliás, em alguns restaurantes, nomeadamente na Madeira, é frequente ouvirem-se os *garçons* exprimirem-se assim: *E para o senhor, vai ser o quê?* (À letra: *Et pour monsieur ça va être quoi?*). Em França, também se ouve muitas vezes: *Et pour monsieur ça sera quoi?*. A uma pergunta como esta poderá responder-se: *Pour moi ça sera / je prendrai une salade et un saumon.* → *Para mim vai ser uma salada e um salmão.*

#### 1.1.3.2. O realizável lúdico

Um menino ou uma menina de 8 anos não têm a menor *chance* de se tornarem rei ou rainha nas próximas horas. Porém, isso é realizável sob a forma de jogo, desde que eles estejam de acordo com as regras do jogo. Assim, ele poderá dizer-lhe: *Tu eras a rainha e eu era o rei.* (À letra: *\*Tu étais la reine et moi j'étais le roi.*) Em boa tradução: *(Toi), tu serais la reine et (moi), je serais le roi.* Enquanto o fran-

cês utiliza, obrigatoriamente, um *conditionnel simple* (preferível à etiqueta «*conditionnel présent*»), o português recorre a um imperfeito do indicativo, que possui o mesmo valor modal.

### 1.1.3.3. O realizável programado

O que é mais curioso é ver o imperfeito utilizado na referência a um acontecimento futuro, que não pode deixar de realizar-se, uma vez que ele já está, perfeitamente, programado. Isto acontece com o calendário dos jogos de futebol e com a maioria das emissões televisivas.

Daí o espanto que pode manifestar um aluno perante um enunciado como: *Ce soir, il y avait un film à la télévision mais je n'aurai pas le temps de le regarder. Ça ne t'ennuierait pas de me l'enregistrer?* → *Esta noite, havia um filme na televisão, mas não vou ter tempo para o ver. Não te importavas de mo gravar?* Saliente-se que, aqui, em português, os dois imperfeitos dizem respeito ao futuro. Estas duas formas são modais. No caso do primeiro, não se trata duma modalidade de enunciado, dado que a probabilidade do acontecimento é vizinha de cem por cento. Não estamos, pois, perante um imperfeito hipotético, como na expressão: *S'il y avait un film ce soir*. A realidade da emissão não levanta a menor dúvida. Em contrapartida, o que não irá acontecer é a visão directa do filme pelo telespectador que fala. O imperfeito mostra que ele já renunciou a esse facto.

Quanto ao segundo imperfeito, é um imperfeito de enunciação que visa aliviar a pressão elocutória sobre o alocutário. A escolha do imperfeito modal vai no mesmo sentido que a escolha da interrogativa-negativa, que tem por objectivo diminuir o peso do pedido.

### 1.1.3.4. O realizável desejado

Até ao momento, constatámos uma forte convergência no emprego do imperfeito e do *imparfait*. Agora, vamos abordar uma estrutura francesa idiomática que não tem uma equivalência estrita em português: *Et si demain on allait à Porto Moniz?*

Se bem que esta proposição tenha aparência de subordinada, não depende de nenhuma principal e comporta-se, por conseguinte, como uma independente. Um pouco como acontece com a interrogativa seguinte: *Pourquoi n'irions-nous pas, demain, à Porto Moniz?*

Só o imperfeito do conjuntivo pode ser utilizado no primeiro tipo de proposição: *E se amanhã fôssemos ao Porto Moniz?* Esta é uma construção bastante usual. Em contrapartida, no segundo tipo de proposição, o imperfeito do indicativo não está excluído: *Porque é que não íamos / se ia amanhã ao Porto Moniz?* Note-se, todavia, que este tipo de estrutura afasta-nos da frase simples, que é o quadro do nosso estudo actual, uma vez que se trata duma construção complexa com subordinação.



O mais interessante de sublinhar aqui, dum ponto de vista contrastivo, é a obrigatoriedade em utilizar o conjuntivo após a conjunção *se*, ao passo que, em francês, após *si*, já não é possível, hoje em dia, a utilização dum *imparfait du subjonctif*.

É certo que, de uma língua para outra, as regras de emprego são um pouco diferentes, mas o imperfeito, como o seu homólogo francês, pode muito bem figurar neste tipo de enunciados que são, verdadeiramente, proposições, no sentido de propostas, através das quais nós tentamos fazer partilhar o nosso desejo com outrem, sem querer impor-lho e baseando-nos no **valor aperitivo do imperfeito** que está ligado ao seu **aspecto inacabado**. Em ambos os casos, os imperfeitos estão ligados a acontecimentos, não apenas realizáveis, mas cuja realização é vivamente desejada.

### 1.1.3.5. O irrealizável

Se existem acontecimentos futuros cuja realização é, perfeitamente, provável, também existem outros que situamos, ficticiamente, num ponto do futuro, sabendo bem que eles são irrealizáveis nesse momento. É o que acontece no seguinte exemplo: *Sem esta maldita avaria, eu acabava o meu artigo amanhã.* → *Sans cette maudite panne, je finissais mon article demain.*

Em francês, este *imparfait* é comutável com um «conditionnel composé»: *Sans cette maudite panne, J'aurais fini mon article demain* → *Sem esta maldita avaria, teria terminado o meu artigo amanhã.*

Em português, esta forma é conhecida, tradicionalmente, por condicional composto e por alguns linguistas, por *futuro do pretérito composto* (cf. Cunha & Cintra, 1991: 462). De qualquer forma, estas denominações lusófonas, ainda que criticáveis, são bem melhores do que a denominação francesa de «conditionnel passé» que circunscreve, erroneamente, esta forma ao passado, quando ela pode muito bem aplicar-se ao futuro. Quanto a nós, dum ponto de vista didáctico, preferimos a etiqueta de «condicional composto».

Esta comutação entre o *imparfait finissais* e o *conditionnel composé aurais fini*, faz ressaltar o carácter **fortemente modal** do *imparfait* como irreal do futuro.

## 1.2. O imperfeito na frase complexa

### 1.2.1. O imperfeito como passado mítico separado do momento da enunciação

Falámos da qualidade aperitiva do imperfeito ligada ao seu aspecto inacabado. É este imperfeito preparatório que encontramos no início dos romances ou dos contos e que desperta em nós o apetite de saber, como na fórmula consagrada dos contos infantis: *Era uma vez um rei que tinha 3 filhas...* → *Il était une fois un roi qui avait 3 filles...* É este imperfeito que nos permite entrar no universo da narrativa e que lança a ponte entre o quotidiano e a ficção ou a história.

Aqui temos um ponto em que o uso do imperfeito e o do *imparfait* coincidem inteiramente.

### 1.2.2. O imperfeito como presente irrealizável

Tome-se como exemplo um enunciado um pouco surrealista, cuja irrealidade salta aos olhos: *Si ma tante en avait, on l'appellerait mon oncle.* → *Se a minha tia os tivesse, chamava-se meu tio.* É de salientar, neste caso, uma espécie de quiasmo entre o francês e o português na construção da frase hipotética. Por um lado, o francês coloca o imperfeito na prótase e o português utiliza-o na apódose.

Por outro, o imperfeito é comutável com um condicional, o que vem sublinhar o seu valor modal. Com efeito, *chamava-se* pode comutar com *chamar-se-ia*, muito menos frequente devido ao mesoclítico. A comutação correspondente entre *imparfait* e *conditionnel* não é admitida em francês, embora se ouça num certo número de locutores, nomeadamente em crianças com menos de dez anos, qualquer que seja o meio a que pertençam.

Num português desleixado, o imperfeito do conjuntivo pode ver-se substituído pelo imperfeito do indicativo: *Se a minha tia os tinha, chamava-se meu tio.* (À letra: *\*Si ma tante les avait, elle s'appelait mon oncle*). A vantagem desta última estrutura não-académica é dispor da mesma forma verbal na prótase e na apódose. É, provavelmente, uma via de futuro.

De igual modo, se deixássemos os francófonos livres para construírem a hipótese fora das normas, eles generalizariam o *conditionnel*, como na *Guerre des boutons*. Toda a gente se lembra da famosa frase: *Si j'aurais su, j'aurais pas venu.* As crianças dizem correntemente: *Si tu viendrais dimanche, on irait au cinéma.* Sobre um ponto como este, as chances do imperfeito são muito maiores do que as do *imparfait*, que é uma excepção na frase hipotética e que está ameaçado nesta posição. De facto, *si + imparfait* só subsiste pela força da norma.

### 1.2.3. O imperfeito como futuro irrealizável

O imperfeito dos exemplos que se seguem rivaliza com o futuro irreal da famosa prótase sem apódose: *Quando as galinhas tiverem dentes.* → *Quand les poules auront des dents.*

Confronte-se o seguinte exemplo que contém um sonho de futuro completamente irrealizável, a menos que se acredite na reencarnação: *Si je pouvais renaître demain, j'aimerais que ce fût dans le berceau d'un roi.* → *Se eu pudesse renascer amanhã, gostaria que fosse no berço de um rei.* Constata-se que o *imparfait* é portador duma irrealidade tão forte quanto o imperfeito do conjuntivo.

## 2. O imperfeito no discurso indirecto

Se o imperfeito dos exemplos precedentes corresponde ao conceito de inactual a que está, regularmente, associado por parte dos linguistas, veremos que, em discurso indirecto, pelo jogo da concordância dos tempos, o imperfeito pode designar, sem problema, uma situação bem real e bem actual.

### 2.1. O imperfeito com valor de actualidade

Nas subordinadas do discurso indirecto, o imperfeito não possui o mesmo valor que nas independentes e principais do discurso directo. Antes, vimos que o imperfeito tanto pode funcionar para o futuro como para o passado, embora, em ambos os casos, permaneça um inactual. Isto significa que ele marca um desnível temporal, mais ou menos importante, entre o acontecimento enunciado e o acto de enunciação.

Quando se trata de enunciação reportada, a situação muda por completo e nada impede que o imperfeito descreva a situação actual, tal como poderia fazer o presente em discurso directo. É o que podemos constatar com este exemplo: *Queria ver o patrão, disseram-me que ele estava aí.* → (À letra: *\*Je voulais voir le patron, ils me dirent qu'il était là.*) *Je voudrais voir le patron, on m'a dit qu'il était là.* Apesar da presença do imperfeito *estava* → *était*, devido à concordância dos tempos, estima-se que o patrão esteja actualmente lá, como poderá induzir-se da construção que se segue, bastante próxima da precedente, mas em que não existe subordinação: *Queria ver o patrão, ele está aí, segundo me disseram.* → *Je voudrais voir le patron, il est là, à ce qu'on m'a dit.*

É, por consequência, falso fazer do imperfeito um inactual, a nível do sistema da língua, como fazem alguns linguistas, já que, em certos contextos, ele pode perfeitamente descrever a situação actual, como é o caso do seguinte exemplo: *O Nelson dizia-me há pouco que a namorada era professora.* → *Nelson me disait tout à l'heure que sa copine était professeur.*

O imperfeito não tem o mesmo valor na principal e na subordinada. Na principal, é efectivamente um inactual: *Se ele me dizia* é porque já não me diz e não está a falar comigo neste momento. Em contrapartida, a namorada que *era professora* continua a sê-lo e o segundo imperfeito assume, pois, valor de actual.

### 2.2. O imperfeito com valor de eternidade

Mesmo as verdades eternas podem aparecer no imperfeito, nas subordinadas que dependem dum verbo de enunciação. Vejamos um exemplo que se tornou célebre: *André Frossard nous a rappelé que Dieu existait puisqu'il l'avait rencontré.* Que dá em português – *André Frossard recordou-nos que Deus existia, já que ele o tinha / havia encontrado.*

Poder-se-ia transferir este enunciado em estilo indirecto livre e substituir a hipotaxe por uma parataxe. Teríamos, assim: *Selon André Frossard, Dieu existait: il l'avait rencontré*. E em português: *Segundo André Frossard, Deus existia: ele tinha-o encontrado*.

Se fizermos um balanço dos valores temporais do imperfeito, constatamos que ele pode aplicar-se, consoante os casos, ao **passado**, ao **presente**, ao **futuro** e até mesmo à **eternidade**. Os seus valores **modais**, também são muito diferentes, uma vez que ele exprime tanto uma realidade passada como um acontecimento realizável ou irrealizável no futuro. Todavia, o que permanece **invariante**, através de todas estas variações *temporais* e *modais*, é o seu **valor aspectual** constante de **inacabado** que nos dá uma *visão secante e parcial* dos factos, dos acontecimentos ou dos estados.

## Bibliografia

- ALMEIDA, M.-E. (2000). *La Deixis en Portugais et en Français*. Louvain – Paris: Éditions Peeters, B. I. G.
- BENVENISTE, E. (1959) (1966). «Les relations de temps dans le verbe français». In *Problèmes de linguistique générale*, vol. I. Paris: Gallimard, p. 237-250.
- BERTHONEAU, A.-M. & KLEIBER, G. (1994). «Imparfais de politesse: rupture ou cohésion?». *Travaux de linguistique* 29, p. 59-92.
- BERTINETTO, P.-M. (1980). «Nuovamente sull'imperfetto narrativo». *Lingua Nostra* XLI, p. 83-89.
- COHEN, D. (1989). *L'aspect verbal*. Paris: PUF, coll. Linguistique nouvelle.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. (1984) (1991). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Ed. Sá da Costa.
- DE BOTH-DIEZ, A.-M. (1985). «L'aspect et ses implications dans le fonctionnement de l'imparfait, du passé simple et du passé composé au niveau textuel». *Langue française* 67, p. 5-22.
- FONSECA, J. (1993) *Estudos de Sintaxe-Semântica e Pragmática do Português*. Porto: Porto Editora.
- LABELLE, M. (1987). «Utilisation des temps du passé dans les narrations françaises: le passé composé, l'imparfait et le présent historique». *Revue Romane* 22, p. 3-29.
- LAROCLETTE, J. (1980). *Le langage et la réalité II. L'emploi des formes de l'indicatif en français*. München: Fink.
- LE GOFFIC, P. (ed.) (1986). *Points de vue sur l'imparfait*. Centre de Publications de l'Université de Caen.
- MAILLARD, M. (ed.) (1998). «La conception métagrammienne du temps verbal». *Le langage et l'homme*. Vol 33, n° 2-3, Louvain: Peeters.
- MOLENDIJK, A. (1990). *Le passé simple et l'imparfait: une approche reichenbachienne*. Amsterdam: Rodopi.
- MULLER, Ch. (1966). «Pour une étude diachronique de l'imparfait narratif». In *Mélanges de grammaire française offerts à M. Maurice Grevisse*. Gembloux: Duculot, p. 253-269.
- RIEGEL, M., PELLAT, J.-C. & RIOUL, R. (1994). *Grammaire méthodique du français*. Paris: PUF.

- SWIATKOWSKA, M. (1987). *L'imparfait en français moderne*. Krakow: Uniwersytet Jagiellonski.
- TOURATIER, C. (1996). *Le Système Verbal Français*. Paris: Armand Colin.
- WEINRICH, H. (1964) (1973). *Tempus*. Stuttgart: Verlag W. Kohlhammer. Trad. fr. *Le Temps*. Paris: Seuil.